

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O NOVO ESTADO DE ISRAEL: UM FENÔMENO HISTÓRICO SEM PRECEDENTES The new State of Israel: an unprecedented historical phenomenon

Bernardo Stollmeier Kuss¹

RESUMO

O artigo analisa a formação e manutenção da nação de Israel em 1948 como fenômeno histórico sem precedentes. São expostos o antijudaísmo e a perseguição histórica aos judeus, que culminaram no Holocausto na Segunda Guerra Mundial, mas que existiram tanto antes quanto muito depois desse período. Como continuação do antijudaísmo, são observadas as duas primeiras guerras do conflito Árabe-israelense, desencadeado com a declaração de independência de Israel.

Palavras-chave: Israel. Judeus. Perseguição. Holocausto. Árabes.

ABSTRACT

The present article analyzes the formation and the maintenance of the nation of Israel in 1948 as a non-preceded historical phenomenon. The anti-Judaism and the historical persecution of the Jews, which culminated on the World War 2 Holocaust, but took place before as much as after this period, were exposed. The two first wars of the Arab-Israeli conflict are observed as a continuation of the anti-Judaism, initiated by the Israeli declaration of independence.

Keywords: Israel. Jews. Persecution. Holocaust. Arabs.

¹ Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bernkuss@hotmail.com

INTRODUÇÃO²

O presente artigo tem por título “O Novo Estado de Israel: um fenômeno histórico sem precedentes”, atém-se ao chamado “Fenômeno Israel”, ocorrido no século XX. A nação de Israel tem sido protagonista de acontecimentos raramente antes vistos com outros povos, no decorrer da história. Um deles é o fato de ter sido expulsa da Palestina grande parte da sua população, a qual foi espalhada pelo mundo. Aliado a isso, há o fato dessa população ter não só asilo rejeitado por inúmeros países, mas ter sido em vários deles perseguida e até alvo de tentativa de extermínio (antisemitismo, Holocausto). Por fim, esse povo retorna ao Oriente Médio, sua terra de origem, e forma o Novo Estado de Israel, fervilhando antissionismo³ à sua volta.

Por meio da observação de fatos ocorridos com o povo judeu durante os períodos da história (Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea) e dos principais eventos do séc. XX, percebe-se que a perseguição é algo constante. Tanto mais estranho é o milagre histórico da formação do Estado de Israel, depois do Holocausto, a sua defesa e consolidação ante os conflitos a que foi exposto tão logo formado. Para melhor examinar isso, este artigo abordará apenas as duas primeiras guerras enfrentadas por Israel, a saber: a Guerra de Independência e a Campanha do Sinai. Isso tudo será investigado de forma a dar o contexto geral do que tem acontecido com o povo judeu, em especial no que tange à perseguição que vem sofrendo e à sua sobrevivência com o passar dos séculos. Serão verificadas fontes históricas sobre o Novo Estado de Israel e a história dos judeus, como as obras de Avi Shlaim, Benny Morris e Ari Shavit, na tentativa de responder ao questionamento: *por que o Novo Estado de Israel pode ser considerado um milagre histórico?*

É necessário definir algumas palavras utilizadas no artigo. O termo *judeu* (do Hebraico *Yehudi*) vem do nome Judá, um dos patriarcas das 12 tribos de Israel e filho de Jacó. Originalmente descrevia qualquer habitante de Judá. Judaísmo, por sua vez, é a religião dos Judeus. De forma geral, na expressão comum, “judeu” é usado para se referir aos descendentes físicos e espirituais de Jacó (também chamado Israel, na Bíblia). Inclusive, à época do Novo Testamento, “judeus” era uma referência a todos os israelitas.⁴ Até a Idade Média e século XX, os judeus eram considerados constituintes de uma nação particular, por causa de sua cultura e língua, e que se espalhou pelo mundo depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. O centro da sua cultura é a religião, a qual determina a alimentação, calendário e é o que preservou sua língua, o Hebraico. Mesmo tendo surgido como uma etnia,

² Este artigo está baseado no Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Bacharel em Teologia realizado na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí, em 2021.

³ Antissionismo é a oposição ao movimento de criação e manutenção de um Estado judeu no Oriente Médio, o qual é o Israel moderno. BBC News. **What's the difference between anti-Semitism and anti-Zionism?** [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-36160928>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁴ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Who Is a Jew? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/who-is-a-jew>. Acesso em: 22 mar. 2021; WISEMAN, D. J. Judeu. In. DOUGLAS, J. D. (org.) **O novo dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 885.

o judaísmo não mais é considerado assim. Agora, pode ser definido ao mesmo tempo como religião, nacionalidade e cultura.⁵ Por abordar diferentes períodos históricos, sempre que se utilizar o termo judeu, o presente trabalho refere-se tanto aos que descendem etnicamente do povo israelita, quanto aos fiéis ao judaísmo, quanto aos cidadãos do Estado de Israel. O contexto os definirá.

Árabe, grosso modo, é alguém cuja língua nativa é o árabe.⁶ Até a expansão do Islã e da língua árabe com ele, os árabes eram uma tribo semita habitante da Península Arábica. Hoje, com árabe são englobados todos os povos falantes dessa língua e que habitam desde a região da Mauritânia, na África Atlântica, até o sudoeste do Irã.⁷ Aos nativos da Palestina de fala árabe e àqueles nativos das nações que a circundam (a saber: Egito, Arábia Saudita, Jordânia, Iraque, Síria e Líbano) é que se faz referência, aqui, como árabes.

Palestina, no seu sentido histórico, é o território chamado de Terra Santa.⁸ A Enciclopédia Britânica a define como a “área da região leste do Mediterrâneo, que abrange partes do Israel moderno e os territórios palestinos da Faixa de Gaza (ao longo da costa do Mar Mediterrâneo) e da Margem Leste (a área a oeste do Rio Jordão)”.⁹ Morris define as fronteiras nos quatro pontos cardeais: a norte, uma cadeia de colinas logo ao sul do rio Litani, do Líbano. Ao sul, seu limite é o Golfo de Eilate (ou Golfo de Ácaba). Ao leste, o Rio Jordão, Mar Morto e Vale de Arabá, e a oeste o Mar Mediterrâneo.¹⁰ Esse é o sentido adotado no presente trabalho.

A formação do Estado de Israel e os conflitos em que ele se envolveu são um assunto muito amplo. É necessário cuidado para não perder a linha de pesquisa. Por isso, é indispensável aqui apenas conhecê-los e ver um panorama deles.

1. JUDEUS: UMA SINA DE PERSEGUIÇÃO

“A sobrevivência judaica é tanto mais estranha, quanto mais constatamos que se trata de povo perseguido”.¹¹ Em todos os períodos da História, os judeus foram, de alguma forma, vítimas de violência. Em alguns momentos, violência velada, discriminação não explícita. Sayão chama o fenômeno de “racismo *a priori*” e exemplifica o sentimento comum através da história: se um alemão trabalha e ganha dinheiro, muito bem; se um americano o faz, ótimo,

⁵ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Are Jews a Nation or a Religion? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/are-jews-a-nation-or-a-religion>. Acesso em: 22 mar. 2021. Judeu. In. SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1226.

⁶ DOLAN, 1993, p. 53.

⁷ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Arab**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Arab>. Acesso em: 26 mar. 2021.

⁸ DOLAN, 1993, p. 82.

⁹ “Area of the eastern Mediterranean region, comprising parts of modern Israel and the Palestinian territories of the Gaza Strip (along the coast of the Mediterranean Sea) and the West Bank (the area west of the Jordan River)”. ALBRIGHT, William Foxwell (et al.). Palestine. In. **Encyclopaedia Britannica**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Palestine>. Acesso em: 26 mar. 2021.

¹⁰ MORRIS, Benny. **Righteous victims**: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001. Nova York: Vintage, 2001, p. 3.

¹¹ FERREIRA, 1987, p. 18.

é um empreendedor; se qualquer outro o faz, tudo certo; mas se um judeu trabalha e prospera, “tem alguma coisa errada nisso aí”.¹² Em outros momentos, foram alvos de perseguição física, morte e destruição.

Os judeus foram definitivamente expulsos de sua pátria, Israel (no atual Oriente Médio), em 135 d.C. Esse acontecimento é chamado de Diáspora e foi perpetrado pelo Império Romano como retaliação após a derrota de uma série de revoltas judaicas. A última delas teve por líder o judeu Bar Kochba e se deu entre 132 e 135 d.C. Tendo sido derrotada, a cidade de Jerusalém foi renomeada como *Aelia Capitolina*, em homenagem ao imperador romano *Aelius Adrianus* (Adriano) e ao deus pagão Júpiter Capitolino. A população da Judéia foi então massacrada, vendida como escrava ou expulsa dos limites da região. E essa, por sua vez, passou a ser colonizada por estrangeiros que se tornaram maioria demográfica ali, até 1948.¹³

A partir dessa ocasião, os judeus tornaram-se uma nação desalojada e espalharam-se pelo mundo – em especial, na Europa. Morris descreve que um fator constante na história dos judeus é que eles sempre foram visitantes, estrangeiros em todo lugar, e em lugar nenhum estavam em casa. Enquanto estivessem na Diáspora, sempre seriam alvos do antissemitismo, o qual “sempre existiu e sempre existirá, primeiramente porque a condição dos judeus era inatural e anormal: sem território, eles não tinham substância [...]”.¹⁴

Durante muitos séculos, eles tiveram que suportar o ódio religioso e as perseguições pelas próprias igrejas cristãs e seus fiéis, em especial na Europa, mas não apenas.¹⁵ Eles eram culpados pelo assassinato de Cristo e por constantemente repelirem a conversão ao cristianismo, o que fazia o ódio contra eles crescer dia a dia. Foram retratados como filhos do Diabo, acusados de matar crianças em rituais, expulsos de suas residências, entre outras demonstrações de repulsa. Mais tarde, passaram a sofrer antissemitismo econômico e social.¹⁶ Isso se perpetuou, chegando até o presente século. Podendo soar incrível, sabe-se que há, ainda hoje, grupos que se opõem ideológica e economicamente a Israel e os judeus, e há até quem queira assumidamente exterminá-los.¹⁷

Mais de um milênio antes de Hitler estar no poder, já havia perseguição e assassinato de judeus na Europa, por parte dos cristãos. De fato, nessa época todos que se opusessem à Igreja eram punidos, mas a nada se equiparou a profundidade do ódio e a violência dedicados aos judeus.¹⁸ No entanto, não há dúvidas de que foi no Holocausto nazista que o ódio antissemita teve seu ápice na história mundial.

¹² SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

¹³ KERSTEIN, Benjamin. The Bar-Kochba Revolt. In. **World History Encyclopedia**. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: https://www.ancient.eu/The_Bar-Kochba_Revolt. Acesso em: 12 mar. 2021.

¹⁴ “It always existed and always would, primarily because the Jews’ condition was unnatural and abnormal: lacking territory, they lacked substance [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 17 *apud* VITAL, 1975, p. 179.

¹⁵ GUTTERMAN, Bella; SHALEV, Avner (edit.). **Para que los sepan las generaciones venideras: la recordación del Holocausto en Yad Vashem**. Jerusalém: Yad Vashem, 2008. P. 28.

¹⁶ GUTTERMAN, SHALEV, 2008, p.38-39, 54.

¹⁷ MCDERMOTT, 2018, p. 168.

¹⁸ DOLAN, 1993, p. 35.

Junto do Holocausto, a Idade Contemporânea teve um quê de especial (negativamente falando), ao que se refere a essa violência, se comparada aos outros períodos históricos. Antes do massacre nazista, no século XIX, houve uma crescente nos ataques em massa às comunidades judaicas, em especial no leste europeu.¹⁹ Depois dele, é gritante a atitude (melhor, a falta dela) das demais nações após a Segunda Guerra Mundial, diante da necessidade de acolhimento dos judeus sobreviventes, como se verá adiante. As consequências desses eventos tiveram papel de maior destaque em relação à formação do novo Estado de Israel em 1948.

Décadas depois ainda eram presentes manifestações violentas e constantes de ódio aos judeus. Nos anos 1980 e 1990, em certas regiões dos EUA, estavam fortes e bem atuantes grupos como a Nação Ariana, que perseguiam e atacavam judeus, assim como ameaçavam aqueles que se opunham e/ou denunciavam isso – existindo, no entanto, desde bem antes.²⁰ McDermott comenta que há hoje, em Universidades, um movimento que se chama BDS: boicotes, desinvestimentos e sanções a Israel, sem explicações.²¹ De forma alguma os justificando, há de se convir, no entanto, que não são esses os piores movimentos de ódio antisemita que tomaram lugar nos últimos dois séculos. Antes deles, destacam-se as ondas de *pogroms* no leste europeu, no século XIX, a instituição do Nazismo, nos anos 1940 com o sequente Holocausto, além das atitudes antisemitas de inúmeras nações ocidentais nesse período. A esses acontecimentos será voltado o foco agora, visto que eles são, talvez, as mostras mais evidentes de antisemitismo violento do período.

1.1 Pogroms, a partir do século XIX

Pogrom é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. O primeiro caso registrado como *pogrom* foi um tumulto antisemita em Odessa, Ucrânia, em 1821.²² Por sua vez, foi adotada como descrição desse tipo de ataque a judeus, inclusive aqueles que aconteceram antes do termo ser cunhado.

Num primeiro momento, pode parecer que essas arremetidas foram completamente novas e surpreendentes. Shavit afirma que não pois, segundo ele, essa era uma nova forma de antisemitismo que vinha surgindo no leste da Europa, multiplicando os pogroms na Rússia, Bielorrússia, Moldávia, Romênia e Polônia (principalmente).²³ Morris concorda com Shavit e afirma que “em contínua discriminação e insegurança e ocasional opressão e violência” era a vivência dos judeus na Rússia Imperial, no séc. XIX. Com suas liberdades fortemente reguladas pelo Estado, nesse período os judeus eram submetidos, por exemplo, a serviço militar forçado

¹⁹ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Pogroms. In. *The Holocaust Memorial Museum*. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

²⁰ DOLAN, 1993, p. 19-22.

²¹ MCDERMOTT, 2018, p. 178.

²² UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. [20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

²³ SHAVIT, Ari. *Minha Terra Prometida: o triunfo e a tragédia de Israel*. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 20, 44, 45.

de vinte anos, além de tentativas forçadas de conversão ao cristianismo por parte das autoridades. O ápice (ou seria o declínio?) da situação deu-se em 1881, quando o assassinato do Czar Alexandre II, perpetrado por revolucionários, foi imputado aos judeus. Isso desencadeou uma onda de pogroms por todo o império, em especial na Ucrânia, com espancamentos, estupros, matança e destruição de bairros judeus,²⁴ até mesmo de vilas e aldeias inteiras (um desses massacres foi grande o suficiente para que os órfãos deixados por ele preenchessem as vagas de uma escola inteira, tempo depois²⁵). Essa principal onda de pogroms, seguiu de modo intervalado por, pelo menos, mais duas décadas. Em 1923, houve outra explosão de violência contra os judeus na Rússia, causando 70 mil mortes.²⁶

O escopo geral sobre os judeus era que:

Na Rússia, eles são perseguidos. Na Polônia são discriminados. Nos países islâmicos são um “povo protegido”, vivendo como cidadãos de segunda categoria. Mesmo nos Estados Unidos, na França e na Grã-Bretanha essa emancipação é meramente um atributo legal. O antissemitismo está crescendo.²⁷

Como se isso não bastasse, seguiram-se várias leis e editos que institucionalizaram a discriminação aos judeus - a ponto de eles serem considerados “nada além de vadios e parasitas, fora da proteção da lei”.²⁸ Como não é de surpreender, toda essa situação tensa e sensível piorou terrivelmente a crise existencial e a falta enorme de segurança às quais os judeus estavam sujeitos.²⁹

1.2 Regime Nazista e Holocausto

Pelo panorama histórico, viu-se que o ódio antissemita não é algo novo. Se bem que “não foram apenas nazistas que mataram judeus; cidadãos comuns da Europa com frequência se prontificavam a fazer o mesmo”, é notável que no século XX tal ódio teve seu clímax no nazismo, com o Holocausto.³⁰

O Holocausto, que pode ser considerado o pior pogrom de todos, foi a tentativa alemã nazista de fazer desaparecer totalmente os onze milhões de judeus que habitavam a Europa. Foi iniciado por inúmeros boicotes e leis que rebaixaram os judeus a cidadãos de segunda classe, e que culminou com a aprovação da “Solução Final”, a qual consistia no envio e extermínio sistemático de judeus em campos prisionais próprios para isso.³¹ O Nazismo foi um movimento totalitarista idealizado e liderado por Adolf Hitler na Alemanha, entre os anos 1920 e 1945. O termo nazismo vem de Nazi, a redução do nome do Partido Nacional Socialista

²⁴ “[...] *one of continue discrimination and insecurity and occasional oppression and violence*”. In. MORRIS, 2001, p. 15.

²⁵ SHAVIT, 2016, p. 124.

²⁶ DOLAN, 1993, p. 82, 94.

²⁷ SHAVIT, 2016, p. 20.

²⁸ MORRIS, 2001, p. 16-17.

²⁹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28.

³⁰ MCDERMOTT, 2018, p. 178.

³¹ GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2174 dias que mudaram o mundo. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 365-366.

dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeitspartei*). É caracterizado por seu fortíssimo nacionalismo e centralidade ditatorial de Hitler, mas, em especial, pela ideologia de extermínio aos inimigos da raça Ariana e da Alemanha. Esses inimigos eram, entre outros, os comunistas, marxistas e bolcheviques, e acima de tudo os judeus.³²

É importante destacar uma mudança nessa época. Diferente dos *pogroms* que precederam, nesse período a repressão aos judeus já não era pela sua fé religiosa diferente, nem pela sua nacionalidade, mas pela sua raça. Esclarece isso o fato de que na Alemanha da época do regime nazista houve descendentes de judeus que já eram cristãos há tempo e foram enviados mesmo assim a campos de concentração – por causa de sua ascendência.³³

Não é necessário tentar convencer a ninguém de que Adolf Hitler foi o próprio símbolo do ódio aos judeus e o difusor desse sentimento a grande parte da população alemã da época (e de depois). No entanto, por incrível que possa parecer, antes de chegar às suas conclusões antissemitas, o próprio Hitler comenta que se irritava por serem os judeus perseguidos por causa da sua fé, a qual era o único traço que os distinguia dos alemães.³⁴ A população judaica na Europa era, então, de aproximadamente 10 milhões de judeus, que contribuíram com as sociedades onde estavam inseridos de todas as formas possíveis.³⁵

Mais tarde, porém, Hitler (comentando seu passado, diz que) chegou à conclusão de que com o passar dos séculos “o aspecto do judeu havia-se europeizado e ele tornara-se parecido com um ser humano”. Seu ódio pelos judeus surgiu e cresceu especialmente em Viena, onde Hitler passou certo tempo de sua vida. Ali, observando, ele concluiu que os judeus: eram os dirigentes inescrupulosos e inteligentes da prostituição e exploração de outros vícios da vida noturna; que eles lideravam a social-democracia, da qual Hitler era inimigo mortal, assim como a imprensa socialdemocrata, que veiculava as ideias do movimento. Enfim, que os judeus não eram alemães, mas sim os corruptores do povo. A partir de então ele não parou mais de pensar no “problema judaico”, e em como solucioná-lo. Toda essa trajetória de ódio está registrada no livro *Mein Kampf* (Minha Luta), escrito por Hitler nos anos 1920. É válido demonstrar um pouco dele aqui, com as próprias palavras de Hitler que coroam um trecho do seu discurso insano: “Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua vitória coroará a marcha fúnebre da raça humana [...]” Mas a natureza não permite que seja roubado seu domínio, prossegue sua ideia. “Por isso,

³² ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Nazism*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Nazism>. Acesso em: 23 mar. 2021. MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos**: uma história material da Alemanha Nazi. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018, p. 23. GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 41ss.

³³ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38-39, 54.

³⁴ HITLER, Adolf. **Mein Kampf**: a minha luta. Lisboa: Guerra e Paz, 2016, p. 137.

³⁵ 9,5 milhões, segundo o Museu Memorial do Holocausto, e 11 milhões de acordo com Martin Gilbert. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Remaining Jewish Population of Europe in 1945. In. **The Holocaust Memorial Museum**. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/remaining-jewish-population-of-europe-in-1945>. Acesso em: 24 mar. 2021; GILBERT, 2014, p. 365.

acredito agora que ajo de acordo com a vontade do Criador Onnipotente (sic): Lutando contra o judaísmo, realizo a obra de Deus”.³⁶

Hitler, então, engajou-se numa luta pessoal contra esses inimigos. Essa luta tomou forma legal quando, em março de 1933, logo depois de Hitler assumir o poder na Alemanha, iniciaram-se ataques organizados contra os judeus. Em abril, saiu a primeira lei que excluía os judeus dos cargos públicos, e daí em diante só piorou. O ano de 1938 é tido como decisivo na perseguição pois foi a partir daí que os nazistas passaram a deportar os judeus. Mais especialmente, em 9 e 10 de novembro daquele ano, houve a *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), um pogrom ordenado pelo alto escalão nazista e fomentado por suas tropas. Mais de 1400 sinagogas foram incendiadas e cerca de 30 mil judeus foram presos em campos de concentração, na ocasião.³⁷

Uma ferramenta muito utilizada para promover o acossamento dos judeus pelo regime nazista foi a propaganda. Moorhouse confirma que já era existente o antissemitismo passivo na Alemanha em 1940, mas que houve a tentativa das lideranças nacionais de, por meio do cinema de propaganda, intensificar tais sentimentos e preparar a aceitação popular a medidas *drásticas* contra os judeus. Por meio de tal propaganda, os judeus foram mais desumanizados e difamados, e sobre eles se reforçaram aqueles diversos mitos antissemitas (além de se criarem outros).³⁸ As informações veiculadas convenciam muitas pessoas que era verdade aquilo que caracteriza o antissemitismo moderno: contestar o status e avanços econômicos dos judeus. Do desenvolvimento dessa ideia, surgiu o mito de que os judeus tinham um plano secreto para tomar o mundo.³⁹

Um caso notável da propaganda nazista foi o filme “O Judeu Eterno”, de 1940. Gilbert comenta que o objetivo do filme era expor ao mundo a devastação que os judeus causavam na história mundial. Que os judeus eram portadores de doenças, imundos, sem valores elevados, avaros e corrompiam o mundo, era o que a propaganda nazista doutrinava.⁴⁰ Em alguns círculos nazistas extremistas, o filme foi aplaudido e houve expressões de profunda gratidão aos que lidavam com o “problema judaico”.⁴¹

Parte da “solução” desse “problema” foi a adoção da *Judenstern* (estrela judaica), a famigerada insígnia amarela em forma de estrela de Davi que os judeus em áreas ocupadas pelos nazistas foram obrigados a usar, costurada na roupa, a partir de 1941. Nada de muito novo, conforme Moorhouse, que relembra: a estigmatização pública dos judeus vem de muito tempo. “Desde a Idade Média até ao século XVII, de Bagdade (sic) a Berlim, foram obrigados a usar insígnias, chapéus e pendentos para serem identificados em público”.⁴² Gutterman e Shalev acrescentam que quem primeiro empregou um método semelhante foram os muçulmanos no século VIII, e depois os cristãos na Europa do século XIII: aqueles, faziam os

³⁶ HITLER, 2016, p. 137, 139, 144.

³⁷ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 44, 47, 56-57.

³⁸ MOORHOUSE, 2018, p. 177.

³⁹ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38.

⁴⁰ GILBERT, 2014, p. 187.

⁴¹ MOORHOUSE, 2018, p. 177.

⁴² MOORHOUSE, 2018, p. 177.

judeus vestirem-se de forma característica; esses, impuseram o uso de chapéus pontiagudos amarelos.⁴³

Essas ações, ainda que humilhantes, discriminatórias e violentas, ainda não foram o pior. Os judeus já estavam sendo atacados, linchados, presos e mortos há muito tempo. O pior foi deflagrado em 20 de janeiro de 1942, quando figuras da alta cúpula alemã nazista assinaram a aprovação da “Solução Final”: os judeus, que já eram confinados à força em guetos e campos de concentração com condições desumanas, passaram a ser mortos em câmaras de gás⁴⁴, de forma sistematicamente macabra. Muitos dos campos de concentração, que eram campos prisionais e de trabalhos forçados, foram adaptados para se tornarem campos de extermínio. Por meio de um processo de nível industrial, os presos chegavam por estrada de ferro em vagões de gado, eram descarregados, despídos (seus bens espoliados) e selecionados para o trabalho ou câmaras de gás. Nestas últimas, mais de 80% dos que chegaram encontraram seu fim.⁴⁵

1.3 O boicote à imigração e a necessidade de asilo

Engana-se quem pensa que foram os nazistas e seus colaboradores os únicos que odiavam e repulavam os judeus no século XX. Stalin, o ditador soviético, mesmo que tivesse se considerado um sionista, achava que os judeus eram “[...] meio-homens, aproveitadores e parasitas”.⁴⁶ Parece que essa opinião era compartilhada por muitas nações na época. Se conscientemente ou não, é difícil dizer.

O que fica óbvio é que diante da erupção insuportável de violência na Alemanha e países anexados, aumentaram drasticamente as tentativas de emigração dos judeus. A maioria dos países, no entanto, fechou-se completamente. Não foram poucas as situações como o deprimente caso do navio St. Louis: saído da Alemanha cheio de refugiados judeus com vistos para entrar em Cuba, teve seu desembarque negado pelo governo cubano, assim como pelo estadunidense logo depois. Foi obrigado a voltar para a Alemanha, onde a maioria dos seus quase mil passageiros morreu depois, pela “Solução Final”.⁴⁷

Com a perseguição nazista legalizada e explícita já acontecendo desde 1933, Dolan registra que, em 1938, deu-se a Conferência de Evian, na França, composta por líderes de grande parte dos países ocidentais. O objetivo deles: restringir o número de refugiados judeus que seriam aceitos em seus territórios. Grupos dos EUA queriam suspender a imigração estrangeira por dez anos; os britânicos queriam evitar um êxodo à Palestina e a consequente tensão com os árabes que isso acarretaria, ainda mais às vésperas da Segunda Guerra.⁴⁸ Gutterman e Shalev, com razão, definem essa conferência como um marco de total desinteresse com os refugiados Judeus. Um depois do outro, os representantes dos países fizeram discursos em apoio aos judeus, para então dizer que eles não poderiam ser recebidos.

⁴³ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 84.

⁴⁴ SHAVIT, 2016, p. 106.

⁴⁵ MOORHOUSE, 2018, p. 224-229.

⁴⁶ “[...] *middle-men, profiteers and parasites*”. In. MORRIS, 2001, p. 172.

⁴⁷ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 59-61.

⁴⁸ DOLAN, 1993, p. 108.

Um desses líderes, em especial, disse que não tinha nenhum problema racial verdadeiro em sua terra, portanto não queria importar esse tipo de problema. Assim eram vistos os judeus.

Inclusive mais tarde, quando já estava a pleno acontecimento o extermínio nos campos de concentração, as nações livres tomaram conhecimento disso, mas não interviram. Em especial os líderes americanos e britânicos afirmavam que a ênfase era em ganhar a guerra, e os esforços e recursos deviam ser totalmente para esse fim - não para missões humanitárias. Aliás, os países envolvidos na luta contra o Eixo⁴⁹ viam qualquer auxílio enviado às zonas ocupadas como ajuda indireta ao inimigo - e os judeus seguiam sofrendo e sendo assassinados. Percebeu-se, por fim, que o problema não era a Guerra. Mesmo após seu término, e do público conhecimento do Holocausto, os países do mundo continuaram fechados à imigração de judeus. Até mesmo países abertos a imigrantes preferiam os refugiados não judeus.⁵⁰

1.4 Ataques após a Segunda Guerra Mundial

Colocando-se no lugar do povo judeu, muito provavelmente a expectativa que se teria depois do show de horrores do Holocausto seria a paz, a ajuda, o asilo. A busca da população judia era por lugares novos para recomeçar e não precisar lembrar tudo o que aconteceu na Europa, mas, como já se viu, a imigração foi vetada. Restaria, então, o retorno aos países de origem após a Segunda Guerra. No entanto, o que os recebeu ali? Mais pogroms.

Vale a pena citar as impressões de um sobrevivente da perseguição nazista ao retornar à sua cidade de origem:

A Polônia do pós-guerra era pavorosamente antissemita. Ainda que os nazistas tivessem sumido, podia-se farejar o ódio aos judeus em cada esquina. Lembro-me de uma mulher gritando para judeus: 'A gentalha saiu dos buracos... Pena que Hitler não acabou com vocês!' Lembro-me de judeus que retornavam dos campos nazistas ocultando sua identidade e, ao serem descobertos, eram xingados e surrados. Havia constantes rumores sobre pogroms de pós-guerra. Era nítido que os judeus não tinham futuro na Polônia [...] tínhamos de substituir nossa velha identidade amaldiçoada por uma nova.⁵¹

Dolan destaca que houve ataques em algumas partes da Polônia, por volta de 1946.⁵² O motivo aparente é que os habitantes que permaneceram no território, que usurparam as propriedades dos judeus, achavam que eles iriam requerê-las de volta. Resultado: mais 1000 judeus mortos após a libertação dos campos de concentração. Esse era o motivo manifesto. Fica claro, no entanto, que havia o velho antissemitismo por trás, ao se olhar para o pogrom

⁴⁹ O Eixo foi uma coalizão militar encabeçada pela Alemanha, Itália e Japão durante a Segunda Guerra Mundial que fez frente às forças Aliadas (lideradas pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O termo foi usado para caracterizar a união entre Roma e Berlim por uma série de tratados, e que a partir de então o mundo iria girar no *eixo Roma-Berlim*. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Axis Powers: World War II coalition**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Axis-Powers>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁵⁰ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 205-206, 263.

⁵¹ SHAVIT, 2016, p. 163-164.

⁵² DOLAN, 1993, p. 113.

de Kielce, na Polônia, um dentre a série de ataques pós-guerra. Diante do rumor do desaparecimento de uma criança cristã, os judeus foram acusados de matá-la em rituais. A população os atacou e nem a polícia nem o clero fizeram algo para impedir.⁵³

Shavit descreve o quadro todo como sendo os judeus, essencialmente, os filhos órfãos da Europa. Filhos, pois dedicaram tudo a ela, amaram-na, contribuíram para desenvolvê-la. Órfãos, pois ela os desprezou, virou a eles as costas, permitiu e acentuou o antissemitismo. De uma forma ou outra, a Europa toda tornara-se perigosa aos judeus. Os demais países fecharam-se a eles. Nem mesmo a América abriria suas portas para acolhê-los. Ficou mais e mais evidente sua urgência por um lugar onde viver. Portanto, a conclusão foi que somente um novo Estado na Palestina supriria essa demanda, e os salvaria.⁵⁴

2. FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL EM 1948

A imigração à Palestina cresceu e, conseqüentemente, a população judaica lá, de tal modo que não era mais possível que eles apenas habitassem de forma provisória a região. Incentivados pelo Sionismo mundial e pela sua necessidade de sobrevivência, os judeus formaram o chamado Novo Estado de Israel. Todo esse processo será abordado a seguir.

2.1 Início do retorno à Palestina

No final do séc. XIX e início do séc. XX, houve imigrações em massa à Terra Santa, em especial compostas por judeus fugidos. O principal motivo das fugas eram os pogroms.⁵⁵ No leste europeu, o sofrimento era agudo. No oeste, não havia assimilação. O povo judeu precisava, sem outra expectativa, de um lugar para recomeçar sua existência.⁵⁶ De fato, com o agravo dos ataques, a “vida dos judeus na Rússia não era mais sustentável”, afirma Morris. Isso levou a uma movimentação da população judaica para fora da Europa. Os destinos: América, domínios Britânicos e, em especial, Palestina.⁵⁷ Foram “[...]cerca de 54 mil judeus, que chegaram à região entre 1880 e 1921” fugidos “da onda de pogroms que varreu o sul da Rússia entre 1821 e 1906 [...]”.⁵⁸ Outro impulso à emigração para a Palestina foi a quebra da bolsa de Nova York em 1929. Isso fomentou os vários movimentos nacionalistas e antissemitas na Europa,⁵⁹ fazendo muitos judeus perceberem o perigo e partirem.

Shlaim registra que surgiram até movimentos em prol disso. Em 1881, por exemplo, foi fundado o extremamente prático movimento Amantes de Sião, que a partir daí esteve promovendo imigração e estabelecimento de judeus na Palestina.⁶⁰ Além disso, acrescenta

⁵³ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 262.

⁵⁴ SHAVIT, 2016, p. 42ss, 73-74.

⁵⁵ DOLAN, 1993, p. 82.

⁵⁶ SHAVIT, 2016, p. 22.

⁵⁷ “*Jewish life in Russia was no longer tenable.*”. In. MORRIS, 2001, p. 17.

⁵⁸ FERREIRA, Franklin. A tentação do antissemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁵⁹ CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In. MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015. P. 430.

⁶⁰ SHLAIM, 2004, p. 39.

Morris, essa movimentação rumo a Sião (outro nome para Jerusalém), chamada de *Aliyah*, contou com doações de Judeus ricos do Ocidente, o que possibilitou a compra de terras na Palestina, onde os imigrantes foram se estabelecendo.⁶¹ Fato interessante é que, em grande parte, os territórios comprados pelos judeus não eram terras férteis e habitadas. Como exemplo há o Vale de Hula, na região da Galileia, o qual era pantanoso, infestado de malária e pertencente a latifundiários que moravam em Damasco. Ali, os judeus - que foram vistos como tolos por comprar tais terrenos - estabeleceram-se, drenaram os pântanos e os tornaram cultiváveis.⁶² Shavit descreve a região como de “charcos pantanosos dos quais emanam os deletérios vapores de malária [...]”.⁶³

Imigrantes de pelo menos oitenta e seis nacionalidades dirigiram-se à Palestina no movimento. Eles formariam a população do Novo Israel, nos seus primeiros vinte anos de existência.⁶⁴ Na década de 30, em especial após a legislação racista alemã entrar em vigor, houve várias levas de imigrantes judeus da Europa muito capacitados, como médicos, agrônomos, arquitetos, engenheiros e outros. Isso elevou o nível cultural da colônia na Palestina.⁶⁵

2.1.1 Sionismo

Como afirmado acima, surgiram movimentos em apoio à causa judaica, ainda na última década do século XIX. O principal deles, sem dúvida, foi o Sionismo. O termo foi criado ainda em 1885, por Birnbaum.⁶⁶ Ele vem de “Sião”, outro nome da cidade de Jerusalém. A ideia do sionismo foi prover uma resposta quanto à dispersão dos judeus por todo o mundo, suprindo-os com uma terra e a possibilidade da existência independente de outros países. A dispersão mostrava-se ainda mais problemática por causa dessa intensificação do antissemitismo, e pela constante não aceitação dos judeus nas nações europeias - acentuada pelos movimentos nacionalistas, que ufanavam o povo nativo e desprezavam as minorias, uma das quais eram os judeus.⁶⁷

Até esse período, como dito acima, os judeus viviam isolados. O isolamento era feito de forma voluntária, por muitos anos, de forma a manter fora da comunidade as influências externas. Isso começou a mudar com o surgimento do Iluminismo e igualitarismo, e como frutos/consequências deles, as ideologias políticas do século XIX. Essas revoluções de pensamento levaram muitos jovens judeus a abandonarem seus lares e tradições. Foi nesse meio tempo, entre os judeus de mente mais “aberta”, normalmente de tendências socialistas, e os demais, de pensamento tradicional e que enfatizavam a lealdade às tradições, que surgiu o movimento Sionista, sofrendo a influência dos dois grupos.⁶⁸

⁶¹ MORRIS, 2001, p. 19.

⁶² FERREIRA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁶³ SHAVIT, 2016, p. 47.

⁶⁴ DOLAN, 1993, p. 139.

⁶⁵ SHAVIT, 2016, p. 76.

⁶⁶ Nathan Birnbaum, escritor vienense. SHLAIM, 2004, p. 38.

⁶⁷ SHLAIM, 2004, p. 38.

⁶⁸ GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28, 31.

Quem idealizou e fundou o movimento foi Herzl,⁶⁹ por meio da publicação em 1896 de um livro onde expunha suas ideias.⁷⁰ Algo que influenciou muito na formação do movimento, deixando explícita a discriminação europeia dos judeus, foi o Caso Dreyfus. Alfred Dreyfus era um alto oficial militar francês que estava sendo alvo de uma “sutil política de discriminação”, tendo sido acusado de traição militar (cf. Camargo, injustamente acusado de traição, condenado e desterrado⁷¹). Herzl, que era correspondente jornalístico cobrindo o caso, percebeu ali que as pessoas nutriam um ódio ferrenho aos judeus. O que ouviu foi que os franceses não consideravam Dreyfus “um ser humano, mas unicamente um judeu”.⁷² Esse caso foi talvez o exemplo mais gritante do antissemitismo na Europa Ocidental e estopim do movimento sionista, de acordo com Camargo.⁷³

Foi na mesma época, no final do século XIX e início do XX, que a Europa viu ascender verticalmente os movimentos nacionalistas, como Fascismo, Nazismo e outros. Shavit afirma que o sionismo era um movimento nacionalista como qualquer outro, além de reafirmado pela urgência,⁷⁴ com o que Camargo concorda, afirmando que o sionismo era nacionalista, uma vez que exaltava a nação judaica e o estabelecimento de um Estado independente para ela.⁷⁵

Foi por iniciativa sionista que se estabeleceu o *Keren Kayemet Le-Israel* (Fundo Perpétuo para Israel), cujo objetivo era a aquisição de terras no território palestino para estabelecer os colonos judeus que migrassem. Esse fundo contou com generoso auxílio da comunidade judaica mundial,⁷⁶ a ponto de terem sido comprados cerca de 200 milhões de metros quadrados de terra Palestina até o ano de 1900 – logo no início do movimento. Já em 1908, a soma total beirava os 400 milhões de metros quadrados, colocando em prática o conceito de que a compra de terra era o alicerce do movimento sionista.⁷⁷

2.1.2 Declaração de Balfour

A Declaração de Balfour é muito importante na compreensão do conflito pelo que segue. No início da Primeira Guerra Mundial, a Turquia tinha aproximações com a Alemanha e controlava grande parte do Oriente Médio – inclusive a Palestina. A Grã-Bretanha percebeu a importância da região e do canal de Suez como corredor de ligação com seus domínios na Índia, passando a exercer maior interesse e influência ali. Para tanto, a Coroa Britânica acreditava que se possuísse e protegesse uma colônia - ou Estado livre - judaica ali, esta

⁶⁹ Theodor Herzl, jornalista austríaco e fundador do movimento Sionista. BEN-GURION, David. *Thodor Herzl: Austrian Zionist Leader*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Theodor-Herzl>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁷⁰ DOLAN, 1993, p. 88.

⁷¹ CAMARGO, 2015, p. 427-428.

⁷² LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? *Teologia Brasileira*. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁷³ CAMARGO, 2015, p. 427-428.

⁷⁴ SHAVIT, 2016, p. 72.

⁷⁵ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 428.

⁷⁶ LAILA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁷⁷ MORRIS, 2001, p. 19, 38.

ajudaria a manter o Canal de Suez⁷⁸ “que era vital para a sobrevivência do Império Britânico no Oriente”, conforme Chapman⁷⁹, sob domínio britânico. Não só isso, mas também como o próprio Lorde Balfour, um diplomata britânico, comentou, os britânicos granjeariam apoio da vasta maioria dos judeus na Rússia e América, e afastariam os franceses da Palestina.⁸⁰

Com essa motivação, é expedida em 1917 aquela que Morris chama de “a garantia internacional crucial ao Sionismo, a Declaração de Balfour”, e assim ela foi compreendida pelos judeus: a colocação de apoio internacional mais importante que eles haviam recebido até então. Ela foi expedida sem terem sido consultados os árabes, então aliados britânicos, os quais sentiram-se muito ultrajados. Agora, eles é que seriam vistos como os usurpadores, e os judeus como donos da terra por direito.⁸¹

2.2 Atritos entre árabes e judeus

É visto, pelo exposto até então, que desde os primeiros momentos houve atritos entre os Palestinos, árabes nativos e os imigrantes judeus. Faz-se apropriado descrever mais alguns detalhes dessa sensível e tensa relação. Serão observados quais são as origens das tendências ao atrito entre ambos os povos, as primeiras mostras organizadas de insatisfação Palestina e um pouco do seu ponto de vista, além da importância que a religião islâmica tem no quadro geral das animosidades.

Pode ser que a rusga entre árabes e judeus remonte ao retorno desses últimos do exílio babilônico, no séc. V e VI a.C., conforme os comentários no relato de Esdras e Neemias dos inimigos árabes que se opunham e tentavam minar a reconstrução de Jerusalém e de seus muros (cf. Ne 4), como afirma Dolan.

Talvez de forma semelhante aos tempos bíblicos, Dolan diz, então, que os judeus, que no início do séc. XX retornaram à Palestina, “eram vistos como uma ameaça cultural das maiores para as conservadoras comunidades islâmicas e cristãs” que estavam na região. Líderes árabes da época diziam que os judeus planejavam vingar-se deles, por causa das perseguições de séculos.⁸² Nesse misto de sentimentos, houve hostilidades árabes contra os judeus desde os primeiros momentos. A princípio, apenas estranhamento e ojeriza à distância; depois, passou-se a agressões físicas.⁸³

Nos primórdios do movimento sionista e da imigração à Palestina, Herzl, sendo europeu, deixou isso claro na sua visão dos palestinos, considerando-os primitivos e atrasados, confiando que todos eles veriam o estabelecimento judeu na região como algo benéfico, gerador de avanços econômicos e de direitos civis. Os prováveis problemas que surgiriam

⁷⁸ MORRIS, 2001, p. 67-68.

⁷⁹ CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. **Martureo**, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁸⁰ MORRIS, 2001, p. 71, 74; CHAPMAN, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

⁸¹ “*The crucial international warrant for Zionism, the Balfour Declaration.*”. In. MORRIS, 2001, p. 73, 75-76.

⁸² DOLAN, 1993, p. 53, 97.

⁸³ SHAVIT, 2016, p. 46 et seq.

entre os nativos e os judeus imigrantes foram subestimados em sua seriedade.⁸⁴ Shavit concorda e acrescenta que o ponto de vista dos primeiros sionistas era que os judeus europeus, letrados, iriam civilizar os nativos Palestinos, que ainda não tinham cultura política madura, nem sentimento nacionalista algum.⁸⁵

De certa forma, ingenuamente, o movimento era realmente bem-visto pelos nativos – ou pelo menos era visto com indiferença. Por sua vez, os *olim*, imigrantes judeus europeus normalmente mais ricos e instruídos, viam os árabes da região da mesma forma que a maioria dos demais europeus da época viam os povos das colônias na África e Ásia: “[...] primitivos, desonestos, fatalistas, preguiçosos, selvagens [...]”. Além disso, levando em conta todo o quadro de rejeição aos judeus, até mesmo lideranças muçulmanas palestinas aparentemente apoiaram a causa dos imigrantes. Por exemplo, o chefe muçulmano de Jerusalém, Ysuf al-Khalidi, escreveu em 1899, diante das primeiras levas de imigrantes judeus, que a ideia do Sionismo era completamente natural e justa - em teoria. Na prática, no entanto, Khalidi clamava ao bom senso dos organizadores sionistas, sabendo e prevendo que somente pela guerra a Palestina seria obtida. Desde essa época até 1948, o medo da desapropriação e do deslocamento territorial foi o que fomentou a oposição árabe ao Sionismo. Como previsto por Khalidi, a partir da chegada dos primeiros grupos judeus, iniciaram-se os desentendimentos e até hostilidades.⁸⁶ Tais desentendimentos chegaram ao ponto de se organizarem revoltas e lutas armadas por ambos os lados. Uma das primeiras revoltas organizadas foi a Revolta Árabe de 1936.

2.2.1 Revolta árabe de 1936

Pouco antes do período da assinatura da Declaração de Balfour, os britânicos haviam prometido aos palestinos o estabelecimento de um estado árabe independente depois da Primeira Guerra Mundial, para ter o apoio deles. Ao mesmo tempo, e em segredo, eles acordaram em 1916 que dividiriam o domínio da região com a França, além de, como dito acima, garantirem aos sionistas, por meio da declaração Balfour em 1917, a formação de um estado independente judeu na mesma região.⁸⁷

Obviamente, essa jogada política com a promessa do mesmo território a três partes diferentes e conflitantes não gerou paz na região. Após a Declaração de Balfour, como era de se esperar, os atritos entre árabes e judeus foram crescendo e se tornando mais comuns, não somente por causa do Sionismo, mas também por desentendimentos entre os árabes e potências europeias dominantes - em relação às quais os judeus davam apoio ou ficavam neutros.⁸⁸

Com o passar dos anos, por causa das promessas britânicas não cumpridas, o líder muçulmano de Jerusalém, Husseini, liderou uma revolta que eclodiu em 1936, contra os

⁸⁴ SHLAIM, 2004, p. 40.

⁸⁵ SHAVIT, 2016, p. 30.

⁸⁶ “[...] primitive, dishonest, fatalistic, lazy, savage [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 43, 37, 42-66.

⁸⁷ SHLAIM, 2004, p. 44.

⁸⁸ MORRIS, 2001, p. 88-120.

britânicos e judeus.⁸⁹ Depois da escalada de agitação, e para dar fim a ela, os britânicos aceitaram algumas exigências dos revoltosos, a saber: a cessação da imigração de judeus e da compra de terras por eles, e um estado árabe independente. Para oficializar, foi expedida a Carta Branca, em maio de 1939. Nela foi proposto um teto de 75 mil imigrantes judeus nos próximos cinco anos, severas limitações à compra de terras, entre outros.⁹⁰

Tão logo que a Alemanha se tornou nazista, uma pátria aos judeus tornou-se evidentemente necessária, como diz Shavit.⁹¹ Logicamente, o Holocausto gerou nos judeus ambos os sentimentos: de desespero e necessidade de um refúgio, assim como a certeza de que a sua causa é que era justa, na reivindicação da Palestina.⁹² Isso posto, é fácil imaginar o impasse, sendo que os britânicos, em cumprimento à Carta Branca, bloquearam severamente a imigração judaica à Palestina.

2.2.2 Ponto de vista Palestino

Dolan, tendo vivido vários anos (nas décadas de 1970 e 1980) em Israel e região, viu de perto e comenta a frustração dos palestinos que habitavam Israel. Os palestinos que habitam território israelense dependem da aprovação desses para quase qualquer movimentação. Dolan cita também a raiva e sentimento de ofensa e humilhação dos palestinos, por estarem constantemente sob suspeita das patrulhas israelenses, sendo interrogados e revistados enquanto vão até mesmo para sua própria cidade natal.⁹³ Não é difícil compreender tais sentimentos, colocando-se no lugar de quem os sofre. Não se quer cair aqui em um anacronismo. Dessa forma, vale observar que, muito provavelmente, esse mesmo sentimento que tantos anos depois ainda se nutria pelos judeus teve origem lá, quando eles começaram a despontar como usurpadores da terra nativa dos palestinos. Com isso corroboram relatos como o de Shavit. Ele registra que, tendo crescido o movimento nacionalista Palestino, junto dele cresceu a exigência que parasse completamente a imigração judaica. O movimento de libertação árabe queria expulsar os judeus das terras onde haviam se assentado.⁹⁴

Tal desejo de expulsão deu-se também pelo crescimento dos sionistas. Eles eram, com razão, um grupo crescente. No intervalo entre 1923-1929, a população judaica aumentou em 77 mil pessoas, e aumentou ainda mais dramaticamente na década seguinte. O problema foi que, além de crescente, os árabes passaram a vê-los como aqueles que roubariam as áreas sagradas ao Islã.⁹⁵ Portanto, vale frisar a importância que essa religião teve nas ações hostis contra os judeus.

⁸⁹ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 430.

⁹⁰ MORRIS, 2001, p. 157-158.

⁹¹ SHAVIT, 2016, p. 72.

⁹² SHLAIM, 2004, p. 62.

⁹³ DOLAN, 1993, p. 177.

⁹⁴ SHAVIT, 2016, p. 96.

⁹⁵ MORRIS, 2001, p. 107, 112.

2.2.3 Influência do Islã nos conflitos

Não é o objetivo da presente pesquisa a apologética ou crítica à fé islâmica, ou ao Corão, seu livro sagrado. Ainda assim, é necessário citar a importância que ela parece ter na motivação à luta contra Israel e o povo judeu.

Como referido acima, em muitos períodos anteriores, os judeus foram separados e discriminados como sendo de segunda classe e inferiores, nas sociedades muçulmanas. Segundo Morris, o Corão tem muitas referências a como os judeus são alvo da ira de Alá, e marcados pela sua baixa e desgraça. A atitude muçulmana com os judeus teve papel decisivo no desenrolar do conflito. No início, a ideia era de que os judeus, meros objetos subservientes, nada poderiam fazer na Palestina. Depois, com a escalada da agressividade, a justificativa era que os judeus eram amaldiçoados por Deus e só intentavam o mal.⁹⁶

Shavit registra que, ainda em 1930, deu-se o início do treinamento de algumas células terroristas “comprometidas com o Islã, com o sigilo e com a guerra contra os judeus”,⁹⁷ as quais fomentaram o crescimento das hostilidades entre judeus e palestinos desde aquela época. Chapman concorda em parte. Para ele, “como muçulmanos, era inevitável que os palestinos apelassem para a história e para a ideologia islâmica para motivá-los em sua luta”. No entanto, a principal motivação para a agressividade não teriam sido “[...] as crenças islâmicas, nem tampouco o ódio contra os judeus, mas sim a sua experiência de desapropriação”. Sem dúvida, a desapropriação do território (mesmo que, nesse período, ele tivesse sido comprado) foi um fator muito importante no processo. Ainda assim, observa Dolan, “o islamismo sempre desempenhou um papel importante na luta da OLP [Organização pela Libertação da Palestina, a ser fundada em 1964] a fim de libertar a Palestina [...] observando ainda que os ensinamentos islâmicos são o solo de onde se origina grande parte da maneira de pensar e das normas daquela organização”. A OLP, aqui, foi onde culminaram muitos anos de conflito dos árabes e palestinos com seu inimigo em comum, o judeu. Portanto, segundo o referido autor, o sistema religioso e as escrituras sagradas islâmicas incitam o escárnio, se não o ódio, e exaltam a guerra aos judeus.⁹⁸

3. CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

É assunto muito sensível, ainda no cenário atual, o conflito árabe-israelense (ou israelo-árabe, ou israelo-palestino). Nesse ponto, já pode-se considerar lugar comum que, desde a chegada dos primeiros judeus no século XIX, houve atritos entre eles e os palestinos que estavam ali. É difícil afirmar que houve, em especial nos períodos entre as guerras que serão analisadas a seguir, algum momento de completa ausência de hostilidades. Assim, mesmo com os armistícios e tratados de cessar fogo, havia tensão e ataques esporádicos.⁹⁹

Para se ter noção da situação complicada com que o conflito pode ser comparado, cita-se a ilustração que Camargo traz em sua obra:

⁹⁶ MORRIS, 2001, p. 9, 13.

⁹⁷ SHAVIT, 2016, p. 80.

⁹⁸ DOLAN, 1993, p. 191, 245.

⁹⁹ DOLAN, 1993, *passim*.

Um homem pula do teto de uma casa em chamas, na qual muitos de sua família já morreram. Consegue salvar-se, mas na queda atinge uma pessoa, quebrando-lhe braços e pernas. Não havia escolha para o que saltou, mas o que ficou ferido culpa o outro por sua desgraça; e este, temendo vingança, surra-o cada vez que o encontra.¹⁰⁰

Em face do escopo atual, ainda poderia ser acrescentado ao final da ilustração: o surrado, de tempos em tempos chama seus parentes e surra aquele que o feriu, em um ciclo de vinganças. Os judeus, em sua situação de apossados pelo antisemitismo, estavam como que no “teto de uma casa em chamas”. Sua opção? Pular para se salvar, caindo na Palestina – atingindo os nativos de lá. Assim, dá-se início ao decurso de vinganças e ataques preventivos, seja por árabes e palestinos, seja por judeus.

É frequente a acusação de que a ocupação israelense roubou terras dos árabes. Dolan explica que não, lembrando que os judeus compraram as terras legalmente quando possível – além de as tomarem na guerra de 1948-1949 e as recolonizarem. Isso, obviamente, gerou revolta nos palestinos que antes as possuíam (esse foi o impacto sofrido pela pessoa atingida no “pulo do telhado”, na ilustração acima). Por um lado, é importante lembrar que os árabes é que declararam guerra contra o recém-criado estado judeu, depois de rejeitarem o plano de divisão da região.¹⁰¹ Por outro lado, os judeus não são “santos”. Camargo é alguém que afirma que “o terrorismo [...] nunca foi instrumento exclusivo dos árabes e palestinos”,¹⁰² assim como Shavit, que traz relatos muito crus de violência e abusos israelenses, sem diferenciar terroristas de civis palestinos, ainda em 1948, e antes.¹⁰³

Num primeiro momento, e como uma ante conclusão, Shavit afirma que Israel é ao mesmo tempo a única nação do Ocidente que mantém outro povo sob ocupação e intimidação, e cuja existência está ameaçada.¹⁰⁴ Dolan confirma, afirmando que é mentiroso negar que os cidadãos árabes que vivem em Israel sofrem qualquer tipo de discriminação da parte dos judeus.¹⁰⁵ Tanto a intimidação, quanto a constante ameaça à própria existência, conforme Shavit, são pilares do Israel atual. Isso torna a sua condição peculiar e complexa. Não há resposta simples ao conflito árabe-israelense.¹⁰⁶

Passa-se agora à descrição breve dos dois primeiros conflitos maiores que ocorreram na Guerra Árabe-israelense. O primeiro, a Guerra de Independência, constituiu o clímax das hostilidades iniciais entre judeus e palestinos desde a chegada daqueles. O segundo foi a Campanha do Sinai, que aparentemente consolidou o território de Israel e sua posição como Estado independente. Por questões de volume, serão abordados aqui apenas esses dois primeiros conflitos, pois são considerados, para a formação e manutenção do Estado de Israel,

¹⁰⁰ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 426 *apud* DEUTSCHER, 1970, p. 16.

¹⁰¹ DOLAN, 1993, p. 243.

¹⁰² CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 434.

¹⁰³ SHAVIT, 2016, p. 122ss.

¹⁰⁴ SHAVIT, 2016, p. 14-15.

¹⁰⁵ DOLAN, 1993, p. 261.

¹⁰⁶ SHAVIT, 2016, p. 14-15.

os mais importantes: “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.¹⁰⁷

3.1 Guerra de Independência (1947-1949)

É importante ter em mente que, cronologicamente, os acontecimentos relatados aqui se deram logo depois e em conexão à Revolta Árabe de 1936. É praticamente impossível ver todos os detalhes e pontos de vista de qualquer situação. É mais difícil ainda ver todos os detalhes de uma situação tão complexa como a que segue. Portanto, é dada aqui apenas uma visão geral.

Foi relatado o surgimento de células terroristas por parte dos palestinos, ao que os judeus responderam com a criação de grupos armados de defesa como a Haganah e o Irgun – que mais tarde se tornariam as forças regulares do Estado de Israel.¹⁰⁸ Na escalada dos ataques e contra-ataques, o número de vítimas árabes ultrapassou o de judeus em pouco tempo. A diferença principal: as lideranças árabes incentivaram os ataques a civis judeus, ao passo que as lideranças judaicas reprovaram os ataques a civis árabes, que eram feitos normalmente por grupos armados judeus independentes.¹⁰⁹ Isso, obviamente, fez a tensão regional aumentar exponencialmente.

A Grã-Bretanha, que controlava a Palestina antes e durante os anos da Segunda Guerra Mundial, agora era alvo de severa pressão. Por um lado, a pressão por parte dos árabes a quem os britânicos estavam comprometidos depois da Revolta de 1936. Aos revoltosos estava prometido que a imigração judaica à região seria controlada, e era o que a Coroa Britânica vinha fazendo durante toda a Segunda Guerra, e continuava após ela. Por outro lado, diversas nações do mundo, inclusive os EUA, criticaram esse posicionamento, chamando-o de desumano, em vista da necessidade de um lugar para que os judeus fossem acolhidos da perseguição na Europa, a qual gerou uma crescente simpatia por eles, afirma Morris. Além do mais, “centenas de milhares de sobreviventes judeus recusaram-se a permanecer em qualquer lugar perto dos campos de extermínio, os países do Oeste europeu e os EUA não queriam os aceitar, e os sionistas os queriam na Palestina”.¹¹⁰

Diante dessa pressão, a Grã-Bretanha decidiu retirar suas forças da Palestina. Pode ser citada ainda outra fonte de incômodo: a certeza que os britânicos tinham, se não retirassem suas forças logo, de que os judeus dali se revoltariam logo após o fim da Segunda Guerra. Era uma revolta que vinha sendo adiada desde 1939. A ameaça era séria, os judeus estavam armados (com armas roubadas ou compradas ilegalmente) e treinados (pelos próprios

¹⁰⁷ SHAVIT, 2016, p. 187. LORCH, Netanel. The Arab-Israeli Wars. In. *Israel Ministry of Foreign Affairs*. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁰⁸ LAPIDOT, Yehuda. Irgun Tz'va'i Le'umi (Etzel): The Establishment of the Irgun. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-establishment-of-the-irgun>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁰⁹ SHAVIT, 2016, p. 98-99.

¹¹⁰ “Hundreds of thousands of Jewish survivors refused to remain anywhere near the killing fields, the Western European countries and the United States were unwilling to take them in, and the Zionists wanted them in Palestine.”. In. MORRIS, 2001, p. 170.

Aliados, aos quais muitos judeus se juntaram para lutar contra o Eixo).¹¹¹ “Enquanto isso, vários países árabes anunciaram que atacariam e destruiriam o estado judeu no instante em que os ingleses abandonassem a região”.¹¹²

Além de retirar suas forças da região, por causa das tensões diversas, o Reino Unido passou o encargo da resolução do problema aos EUA. Shavit coloca de uma forma mais pessimista, dizendo que, saturado com o conflito entre árabes e judeus, o governo real britânico abandona tudo aos cuidados da ONU, ao que segue o início da guerra em 1947.¹¹³ Antes da guerra, no entanto, houve um passo muito importante: o Plano de Partilha proposto pela ONU.

3.1.1 Plano de Partilha da ONU em 1947

Assim, foi formado o comitê do qual surgiu a ideia da partilha da Palestina entre judeus e árabes, a qual foi aprovada em uma votação entre os Estados membros da ONU, em 18 de novembro de 1947,¹¹⁴ após o presidente Truman ter apoiado o plano em discurso.¹¹⁵ É dito que esse plano de partilha foi, de certo modo, uma tentativa da civilização ocidental de remediar sua falta de ação para prevenir ou impedir o massacre dos judeus na Segunda Guerra.¹¹⁶ Talvez por essa razão tantas nações prontamente o apoiaram naquele momento. O Plano propunha que a Palestina fosse dividida entre dois Estados, um árabe e um judeu, com a cidade de Jerusalém sendo um *corpus separatum* (entidade separada) sob governo internacional.

Pelos judeus essa resolução foi vista como base legal para o estabelecimento do Estado de Israel. Para os árabes, foi uma afronta.¹¹⁷ Shlaim diz que foi com tristeza que os líderes judeus aceitaram o Plano de Partilha da ONU em 1947, pois, além de não ficarem com Jerusalém e dependerem das fronteiras da ONU, “eles não gostaram da ideia de um estado palestino independente [...]”.¹¹⁸ Dolan diz o contrário: os judeus, segundo ele, concordaram e se alegraram com a solução. Já os árabes juraram destruir o estado judeu. É consenso, por sua vez, que houve hostilidades esparsas partindo dos árabes, às quais os judeus, armados, responderam,¹¹⁹ logo após a votação e aprovação do Plano.¹²⁰

3.1.2 As duas etapas da guerra

Após a assinatura da Resolução de Partilha diversos ataques esparsos a ônibus e lojas, por parte dos árabes, iniciaram as hostilidades do primeiro período do conflito. Este

¹¹¹ MORRIS, 2001, p. 170, 174, 176.

¹¹² DOLAN, 1993, p. 120.

¹¹³ SHAVIT, 2016, p. 130.

¹¹⁴ MORRIS, 2001, p. 176, 186.

¹¹⁵ DOLAN, 1993, p. 120.

¹¹⁶ MORRIS, 2001, p. 186.

¹¹⁷ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *United Nations Resolution 181*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹¹⁸ SHLAIM, 2004, p. 65, 69.

¹¹⁹ DOLAN, 1993, p. 120.

¹²⁰ DOLAN, 1993, p. 120; SHLAIM, 2004, p. 69; ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

caracterizou-se por ações de guerrilha entre a comunidade judaica e a palestina.¹²¹ O segundo período ou etapa do conflito teve como característica uma guerra a nível internacional, envolvendo as forças regulares de algumas nações árabes, e não apenas milícias palestinas (por mais que Lorch divida o conflito em *quatro*, não *duas* fases, a diferença entre a primeira e segunda metades da guerra é notável. Essa última divisão é adotada aqui).¹²²

Na comparação de forças da primeira metade do conflito, ao menos teoricamente, a batalha parecia muito desigual. Os palestinos somavam quase o dobro de população que os judeus (1,2-1,3 milhão para 650 mil), além de contarem com o apoio de todas as nações árabes ao seu redor, enquanto os judeus contavam com o restante da Diáspora, muito mais distante, espalhada e impedida de auxiliá-los pelo até então vigente bloqueio britânico. Por sua vez, Israel era superior em organização, união e comando nacional, tendo altíssima sua motivação. A desigualdade se esclarece pelas palavras de Morris: “o confronto em 1947-48 foi entre uma sociedade altamente motivada, literata, organizada e semi-industrial [a judaica], e outra retrógrada, grandemente iliterata, desorganizada e agrícola [a palestina]”.¹²³

O auxílio dado pelas nações árabes às milícias palestinas foi menos organizado e bem menos generoso, comparado com aquele dado pela Organização Sionista Mundial, no momento de necessidade dos seus apoiados. Mesmo que a Haganah contasse com povoados muito bem fortificados, até mesmo com cercas de arame farpado e alguns campos minados, seus equipamentos eram precários. Eles não possuíam artilharia, nem tanques de guerra, nem aviões de combate. Em lugar disso, tinham alguns carros blindados improvisados, uns poucos aviões civis e muito pouca munição. Os ataques palestinos não foram uma campanha militar, senão ataques esparsos e independentes a veículos, bairros e agrupamentos judeus, dos quais a Haganah se defendia. A contenda aumentou quando a Haganah, tendo organizado melhor suas forças, partiu para a ofensiva - com contra-ataques propensos a serem desproporcionais aos árabes.¹²⁴

Ben-Gurion, um judeu nascido na Polônia, era um dos fundadores e membros veteranos dos Amantes de Sião. Ele serviu no exército britânico e desde os primórdios do Sionismo foi um líder influente no movimento. Até sua morte em 1973, Ben-Gurion exerceu papel de profunda influência no Estado israelense. Em 1946, ele assumiu a pasta da defesa da Agência Nacional Judaica, pela qual esteve responsável durante todo o conflito.¹²⁵ Shlaim comenta que, aos olhos de Ben-Gurion, esses ataques iniciais de guerrilheiros árabes foram “meramente um prelúdio de um amplo conflito militar com os exércitos regulares dos estados árabes vizinhos”, o que se provou verdade.¹²⁶ Morris acrescenta que era justamente esse

¹²¹ MORRIS, 2001, p. 190-191; SHLAIM, 2004, p. 69.

¹²² LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹²³ “Facing off in 1947-48 were a highly motivated, literate, organized, semi-industrial society and a backward, largely illiterate, disorganized, agricultural one.”. In. MORRIS, 2001, p. 192.

¹²⁴ MORRIS, 2001, p. 193-194, 196-197, 199, 205, 223.

¹²⁵ ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Zionist Leaders*: David Ben-Gurion 1886-1973. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Zionism/Pages/Zionist%20Leaders-%20David%20Ben-Gurion.aspx>. Acesso em: 31 mar. 2021.

¹²⁶ SHLAIM, 2004, p. 69.

ataque em maior escala o medo de Ben-Gurion, antes das forças de Israel terem sido provadas em combate.¹²⁷

Em janeiro de 1948 foi o ápice da luta: grupos árabes armados passaram a controlar várias estradas palestinas, e árabes sírios atacaram a região da Galileia, no norte. Em março, mais guerrilheiros árabes sírios e iraquianos juntaram-se à luta. No sul, guerrilheiros egípcios atacaram colônias e estradas judaicas na região do Neguebe.¹²⁸

No início de abril de 1948, chegou o primeiro carregamento expressivo de armas (leves, apenas fuzis, metralhadoras e munição) para a Haganah, comprado da Tchecoslováquia. Tal suporte fomentou a mudança da defensiva para a ofensiva israelense, a qual, bem-organizada e com toda força, desmantelou as formações inimigas. Essa vitória da Haganah foi decisiva na moral das tropas israelenses, que viram e creram no seu potencial e habilidades - algo que uma parcela ínfima dos exércitos árabes possuía.¹²⁹ Foi nesse ponto, com a virada do combate pela ofensiva israelense, que se deu o fim da primeira e o início da segunda metade dos combates.¹³⁰

“Oficiais do governo, em Washington, pensavam que as chances de sobrevivência do estado judeu, se fosse proclamado, não eram muito boas”.¹³¹ Mas os judeus queriam pagar para ver. Em 14 de Maio de 1948, houve a Declaração de Independência do Estado de Israel, e a partir de 15 de Maio de 1948, o conflito tomou proporções nacionais.¹³² Na noite de 14 de Maio, as forças árabes se preparavam para atacar; no dia seguinte, tal ataque se concretizou, em pelo menos três frentes diferentes e simultâneas: ao oeste, norte e sul.¹³³ A oposição foi entre “os exércitos da Síria, Jordânia, Egito, Líbano e Iraque, e pequenas forças expedicionárias de um número de outros países árabes, inclusive Iêmen e Arábia Saudita”¹³⁴ e a Haganah israelense. Essa, até então paramilitar, fora reformulada e rebatizada de Forças de Defesa de Israel (FDI), nome mantido até hoje.¹³⁵

Na comparação de forças da segunda metade da guerra, vê-se que nesse período Israel tinha melhor se armado, no entanto, de forma ainda precária. Por exemplo, na sua força aérea, contavam com alguns aviões leves que foram armados com metralhadoras e usados como bombardeiros provisórios. Em maio de 1948, tinham à ação quatro caças de origem Tcheca.¹³⁶ Pode-se entender que “os israelenses se sentiam fortemente pressionados em

¹²⁷ MORRIS, 2001, p. 189.

¹²⁸ DOLAN, 1993, p. 121.

¹²⁹ MORRIS, 2001, p. 205-223.

¹³⁰ LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹³¹ DOLAN, 1993, p. 122 *apud* LAQUEUR, 1972, p. 585.

¹³² MORRIS, 2001, p. 191.

¹³³ DOLAN, 1993, p. 125, 131.

¹³⁴ “The armies of Syria, Jordan, Egypt, Lebanon and Iraq, and small expeditionary forces from a number of other Arab countries, including Yemen and Saudi Arabia.”. In. MORRIS, 2001, p. 191.

¹³⁵ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. The Haganah. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-haganah>. Acesso em: 31 mar. 2021. LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹³⁶ MORRIS, 2001, p. 215-216.

todas as frentes da guerra, visto que os exércitos invasores contavam com o apoio de uma força aérea, de artilharia e de tanques de guerra, ao passo que os judeus não dispunham ainda desse armamento” devido ao bloqueio britânico, afirma Dolan.¹³⁷

Ambos os lados tendiam a exagerar a força do oponente, e em nenhum momento os árabes mobilizaram todas as suas tropas. Pelo fim de maio de 1948, as tropas árabes somavam cerca de 28 mil, e as forças de Israel, 38 mil. Enquanto Israel já era quase autossuficiente na produção de armamento leve e treinamento de pessoal, além de terem recebido cerca de 129 milhões de dólares em auxílio da comunidade judaica do exterior, os Estados árabes não possuíam fontes alternativas a que recorrer, sendo que seus exércitos passaram, em Julho de 1948, a se defrontar com “severa escassez de armamento, munição e peças sobressalentes”.¹³⁸ Nesse período, Israel capturou as cidades de Ramle e Lida, além de novas áreas na região da Galileia. A parte antiga de Jerusalém, no entanto, sob controle árabe, continuou assim.¹³⁹

Também nesse período, por obra dos próprios judeus, ocorreu o famigerado Massacre de Deir Yassin, onde mais de cem palestinos foram mortos na aldeia com esse nome, por milícias do Irgun e Stern. Esse abuso não foi apoiado pela administração da Agência Judaica, e é tido como uma ação terrorista israelense.¹⁴⁰ No mesmo ensejo, em Lida houve muitas mortes de civis palestinos pelas mãos dos judeus. Shavit descreve o quadro acontecido em Lida de uma forma muito pessoal e crua, baseado em relatos orais dos próprios soldados judeus da época. Lá, no massacre, houve como que um extravasar de emoções dos judeus: tanto raiva pelos ataques que vinham sofrendo há anos pelos terroristas palestinos, assim como euforia por perceberem que tinham capacidade militar e moral.¹⁴¹ Em julho de 1949, completaram-se os armistícios e o conflito terminou.¹⁴²

3.1.4 Resultados

O desfecho do conflito foi uma inegável vitória de Israel. Mesmo tendo sofrido sérias baixas, como seria de se esperar, Israel suportou o ataque e parou os avanços inimigos em suas quatro frentes (egípcia, síria, jordaniana e iraquiana). Mais ainda, os judeus partiram para a ofensiva também na segunda parte do conflito, expulsando os invasores e conquistando algum território.¹⁴³ No Plano de Partilha, 55% do território da Palestina foi dado a Israel. Por meio da ofensiva na Guerra de Independência, eles passaram a controlar 79% do território.¹⁴⁴

O resultado gerou um impacto no mundo árabe que ressoaria por muito tempo: um estado judeu bem no meio do mundo muçulmano. Para Israel, as vantagens foram maiores

¹³⁷ DOLAN, 1993, p. 131.

¹³⁸ “[...] severe shortages in weapons, ammunition, and spare parts”. In. MORRIS, 2001, p. 215-218.

¹³⁹ DOLAN, 1993, p. 133.

¹⁴⁰ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 432.

¹⁴¹ SHAVIT, 1026, p. 122ss.

¹⁴² DOLAN, 1993, p. 134; LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁴³ MORRIS, 2001, p. 235, 249.

¹⁴⁴ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 435.

que as perdas. À guerra, seguiu-se grande revolução agrária e demográfica que dobrou os assentamentos em cinco anos, assim como impulsionou seu setor industrial.¹⁴⁵ Esses serão abordados mais adiante, ao serem observados os precedentes da Campanha do Sinai de 1956. Shlaim ainda acrescenta que “Israel emergiu da guerra economicamente exaurido, mas com organização e moral elevados, um tremendo senso de realização e uma perspectiva confiante no futuro”.¹⁴⁶

3.1.4 Considerações sobre o conflito

Os comentários são, e não é difícil entender o porquê, que o primeiro objetivo da política de relações externas de Israel foi a sobrevivência. Praticamente metade da força israelense nesse período era composta por sobreviventes do Holocausto.¹⁴⁷ Portanto, não é de surpreender a gana de sobrevivência israelense tanto na área política quanto literalmente.

Podendo ser considerado como revisionista, Camargo afirma que esse conflito não foi, como os historiadores israelenses oficiais registraram, “uma luta de Davi contra Golias”. Na realidade, o que se pôde observar foi um equilíbrio militar na maior parte do conflito.¹⁴⁸ Shlaim também contradiz o discurso da esmagadora superioridade numérica dos árabes. Segundo ele, em todas as etapas da guerra, a FDI foi superior aos árabes. Como resultado, a vitória de Israel mostrou o prevaletimento do lado mais forte, e não um milagre.¹⁴⁹ Ao que as fontes indicam, de fato Israel vinha se preparando há tempo com medo do conflito, e contou com a ajuda da comunidade judaica mundial.

Ao mesmo tempo, Morris lembra que, diante da possibilidade de o Plano de Partilha ser aprovado, os delegados árabes ameaçaram que qualquer esforço nessa direção levaria à guerra. Ainda em 1946, a Liga Árabe enviou fundos, armamentos e voluntários aos palestinos e, em setembro de 1947, ainda antes da assinatura da resolução, essa mesma Liga estabeleceu o Exército de Libertação Árabe, com palestinos e voluntários árabes. Em novembro, o exército Sírio começou a registrar e treinar voluntários. Mais do que isso, os árabes, além de estarem no controle da maior parte das regiões altas da Palestina - que dão vantagem militar - e terem superioridade em armamentos pesados, tinham do seu lado o elemento surpresa, podendo atacar onde e quando quisessem. Mesmo assim, houve a surpreendente vitória Israelense.

Algumas situações de combate causam ainda mais surpresa, levando em conta esses últimos fatores. Por exemplo, a queda de Haifa para os judeus, em 21 de abril de 1947, conforme relatada por Morris. Mesmo contando com número semelhante de soldados, os árabes, desorganizados, sem união e, sentindo-se fracos, viam as forças judaicas como superiores, agressivas e confiantes. As defesas da cidade caíram tão rapidamente que até os comandantes judeus se surpreenderam. Talvez o sentimento de um dos líderes da Liga Árabe resuma o conflito. Ele afirmou que essa guerra seria de extermínio e massacre momentâneo, como foram os ataques Mongóis e as Cruzadas; para a eliminação do estado judeu, afirmou

¹⁴⁵ MORRIS, 2001, p. 235, 249.

¹⁴⁶ SHLAIM, 2004, p. 79.

¹⁴⁷ SHLAIM, 2004, p. 73; GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 275.

¹⁴⁸ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 432.

¹⁴⁹ SHLAIM, 2004, p. 75.

outro líder. Porém essas afirmações ousadas carregavam profundas dúvidas e divisões entre os Árabes. Para Morris, entre eles não houve concordância sobre os objetivos da guerra, nem unidade no comando militar, nem articulação político-militar.¹⁵⁰

Essa expectativa e promessa explícita de extermínio aos judeus no discurso de alguns árabes não parou por aí. Justamente esse sentimento foi um dos motivadores dos ataques que, dentre mais fatores, levaram aos combates do próximo conflito do recém-formado Israel: a Campanha do Sinai, em 1956.

3.2 Campanha do Sinai (1956)

A situação de Israel até 1951, como descreve Shavit, é a que segue. Havia cerca de 655 mil residentes e 685 mil imigrantes judeus recém-chegados. Tamanha imigração não ajudou o Estado recém-formado porque, além do mais, após a guerra de 1948, Israel enfrentava severa crise econômica devido ao racionamento imposto em 1949. A inflação batia os 30% e o desemprego os 14%. Em 1954, recebendo reparações da Alemanha e vendendo debêntures para os judeus americanos, além de medidas internas tomadas em 1952, a situação reverteu-se. Surpreendente como em 2-3 anos, Israel passou a ter uma taxa de crescimento anual de mais de 10%, e de 1950 a 1959 o PIB israelense cresceu 165%.¹⁵¹ Ou seja: Israel era uma potência em ascensão.

Do ponto de vista estratégico, por sua vez, Israel estava em uma posição muito complicada. Cercada de inimigos por todos os lados e com todas as suas cidades dentro do alcance da artilharia inimiga, e com um território tão estreito que poderia ser cortado no meio por um avanço blindado decidido. O sentimento era de vulnerabilidade e todo o período de 1949 a 1956 foi de não aparente, mas incessante conflito entre Israel e árabes. Durante essa época, o governo de Israel estava engajado em receber e acolher tantos imigrantes judeus quanto fosse possível. Nas tentativas de negociação entre árabes e Israel, o público israelense não aceitava as demandas árabes, que eram ceder os territórios tomados na guerra e receber de volta os refugiados palestinos.¹⁵²

Para os países árabes, as consequências da derrota para Israel em 1948 foram sentidas de maneira abrupta na política, em especial na Síria e no Egito, onde houve golpes de estado e consequente instauração de regimes militares nacionalistas, em 1949 e 1952, respectivamente. No Egito, destaca-se a figura do coronel Gamal Abdel Nasser, que assumiu o governo e passou a agir como incitador do panarabismo.¹⁵³ Nasser tinha tendências marxistas e relações com a União Soviética, que o estava armando, enquanto na época Israel mantinha relações amigáveis com o bloco ocidental.¹⁵⁴ Esse tratado com a União Soviética para fornecimento de armamentos faria a balança pender drasticamente para seu lado.¹⁵⁵ Ao mesmo tempo, assinou um tratado militar com a Síria e anunciava em seus discursos que seria

¹⁵⁰ MORRIS, 2001, p. 186-187, 222, 211, 219.

¹⁵¹ SHAVIT, 2016, p. 175-176.

¹⁵² MORRIS, 2001, p. 259-269.

¹⁵³ CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 435-436.

¹⁵⁴ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁵⁵ MORRIS, 2001, p. 284.

o líder da nova tentativa de exterminar os judeus.¹⁵⁶ Ben-Gurion não duvidava de que, assim que se achasse devidamente preparado, Nasser destruiria o Estado de Israel.¹⁵⁷

Nasser bloqueou a saída de Israel ao mar Vermelho em 1954 e no canal de Suez, impedindo suas exportações que passavam por ali para o hemisfério sul e Mediterrâneo.¹⁵⁸ Camargo comenta que, motivados pela ideia de “empurrar os judeus para o mar”, esse bloqueio da saída ao mar fez parte do boicote econômico quase total que os árabes impuseram a Israel.¹⁵⁹

Uma das ações notáveis e determinantes ao conflito por parte de Nasser foi forçar, diplomaticamente, a Grã-Bretanha a retirar sua força militar do canal de Suez em junho de 1956, de acordo com Morris. Por meio de tentativas de levar o Egito à guerra com as potências ocidentais, Israel ordenou operações secretas que foram rechaçadas pelo Egito, os agentes mortos e os ânimos sobrecarregados. O Egito não ficava para trás, enviando pequenos grupos de agentes que espionavam e atacavam israelenses, em especial civis, às quais Israel respondia militarmente.¹⁶⁰ As tensões obviamente aumentaram a partir desses ataques.¹⁶¹ Shlaim acrescenta que os conflitos sangrentos ao longo da fronteira com a faixa de Gaza (controlada pelo Egito) foram entendidos como aumento da beligerância egípcia e, conseqüentemente, da fragilização da segurança de Israel.¹⁶²

3.2.1 Agressões nas fronteiras e ameaças nos discursos árabes

Os atritos mais perceptíveis eram nas fronteiras, com tentativas de palestinos e árabes de se infiltrar no território israelense. Os principais responsáveis pelos ataques terroristas eram os chamados Fedayin. Os *Fedayin* (“guerreiros da liberdade” ou “mártires”) surgiram como fruto do *Al Nakhba* (“o desastre”), como era chamada a derrota palestina na guerra de 1948. Eram normalmente jovens com sede de vingança. Seus ataques eram voltados a veículos, fazendas e moradias israelenses.¹⁶³ Nasser já havia afirmado em 1955 que o Egito enviaria os Fedayin, chamados por ele de “seus heróis [do Egito], discípulos de Faraó e filhos do Islã” para purificarem a terra da Palestina, alcançando sua vingança com a morte de Israel.¹⁶⁴

Com o passar do tempo, as reações israelenses às infiltrações foram aumentando. Qualquer pessoa que cruzasse a fronteira em direção a Israel era alvo de atiradores militares. Minas terrestres e armadilhas com explosivos se tornaram práticas muito usadas, sendo

¹⁵⁶ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁵⁷ SHLAIM, 2004, p. 204.

¹⁵⁸ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁵⁹ CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 436; MORRIS, 2001, p. 269.

¹⁶⁰ MORRIS, 2001, p. 281-283.

¹⁶¹ DOLAN, 1993, p. 140-141.

¹⁶² SHLAIM, 2004, p. 176.

¹⁶³ ROBERT, Johnson (et al.). **Para ganhar a guerra**: as 25 melhores táticas de todos os tempos. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 233.

¹⁶⁴ “[...] her heroes, the disciples of Pharaoh and the sons of Islam”. In. BARD, Mitchell. **Myths and Facts**: a guide to the Arab-israeli conflict. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017, p. 45. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

constantes as vítimas árabes, e crescentes as críticas à super-reação de Israel, conforme Morris relata.¹⁶⁵

Na virada de 1955-56 as infiltrações egípcias cessaram, mas eles passaram a atirar através da fronteira em posições israelenses o tempo todo, além de emboscarem patrulhas israelenses. A isso, Moshe Dayan (então Chefe do Estado Maior Israelense)¹⁶⁶ respondeu com um ataque de raiva, que matou civis também, e foi repreendido depois. Mais além, não são poucos os comentários sobre as expulsões de muitos palestinos supostamente infiltrados, e do tratamento cruel dispensado a eles pelos judeus. Isso tudo, como pode-se imaginar, deixou “todo o Neguebe (a então fronteira entre Israel e Egito) em um estado de tensão, prontidão e pânico”.¹⁶⁷

Os ataques, seja pelos Fedayin, seja por forças egípcias, seja em boicotes econômicos, foram todos acompanhados constantemente por afirmações de ódio e promessas de extermínio por parte dos líderes árabes, mas em especial por Nasser. Esses líderes e sua mídia falavam constantemente em uma revanche, um segundo round da guerra de 1948 e, obviamente, enfatizavam seu desejo de exterminar qualquer resquício de sionismo. O teor de tais discursos era tão sério que o primeiro-ministro britânico, em reação às falas de Nasser e à nacionalização do Canal, afirmou que ele era um Hitler renascido, e suas agressões deveriam parar.¹⁶⁸

Em 1954, o Ministro de Relações Exteriores do Egito declarou, sem melindres: “Nós [o povo árabe] não nos satisfaremos a não ser pela obliteração final de Israel do mapa do Oriente Médio”.¹⁶⁹ Levando em conta a tensão fronteiriça e esses discursos de ameaça, entre 1955-56 não se via mais a paz como alternativa. A questão era iniciar logo a guerra, ou primeiro tentar todos os caminhos diplomáticos.¹⁷⁰

3.2.2 Objetivos da Campanha

As infiltrações seguiram, bem como as retaliações, que eram cada vez mais parecidas com operações militares. Seu objetivo era treinar as tropas de Israel e elevar sua moral, além de provocar outro conflito de modo a completar a conquista do território.¹⁷¹ Era um objetivo explícito de Dayan, que tinha um posicionamento nitidamente belicoso. Para ele, um segundo turno da guerra de 1948 estava apenas sendo prorrogado, mas era inevitável, e Israel devia se preparar para tanto. Ele desejava forçar, para logo, o confronto com o Egito, antes que esse tivesse a dianteira em armamentos. Como tentativa disso, e para preparar as forças de Israel para o confronto, eram feitas represálias aos ataques de fronteira.¹⁷² Camargo também

¹⁶⁵ MORRIS, 2001, p. 269-273.

¹⁶⁶ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Moshe Dayan (1915-1981). In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/moshe-dayan>. Acesso em: 31 mar. 2021.

¹⁶⁷ “*The whole of the Neguev in a state of tension, readiness and panic.*”. In. MORRIS, 2001, p. 287, 273.

¹⁶⁸ MORRIS, 2001, p. 261, 296.

¹⁶⁹ “*We shall not be satisfied except by the final obliteration of Israel from the map of the Middle East.*”. In. BARD, 2017, p. 45. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁷⁰ SHLAIM, 2004, p. 204.

¹⁷¹ MORRIS, 2001, p. 276-277.

¹⁷² SHLAIM, 2004, p. 192, 194.

confirma isso: Israel como um todo cria que outra guerra só era questão de tempo.¹⁷³ Portanto, um dos objetivos da guerra era parar com os ataques de fronteira feitos pelo Egito e pelos Fedayin.

Como líder muçulmano e árabe, Nasser era quem apoiava política e militarmente os rebeldes na Argélia. Isso já fazia dele um inimigo da França, mas a nacionalização do Canal de Suez foi a gota d'água, atraindo a raiva da França e da Grã-Bretanha. Uma vez que o Egito se armava com a URSS, Israel partiu em busca de um fornecedor que os equipasse e igualasse as chances.¹⁷⁴ Na recusa americana, a França forneceu cerca de 72 aviões de caça e 200 tanques a Israel. Além do mais, a França queria atacar o Egito pelo apoio de Nasser aos guerrilheiros argelinos, que haviam se revoltado contra o controle francês na Argélia.¹⁷⁵ Shlaim concorda que os armamentos, mas em especial o inimigo egípcio em comum aproximou muito Israel da França.¹⁷⁶ Essa aproximação e busca por armamento foi, então, objetivando neutralizar a ameaça egípcia, uma vez que eles prometiam atacar Israel e se armavam fortemente para fazê-lo.

Por fim, outro objetivo foi tomar de volta o canal de Suez e a saída para o mar, ao sul, de forma a recuperar o livre trânsito de embarcações e o fluxo comercial israelense ao mundo.¹⁷⁷

3.2.3 Ação: a Campanha em si

O plano era que a França e a Grã-Bretanha atacassem e retomassem o controle do canal de Suez, restabelecendo suas bases militares lá, enquanto Israel destruiria as bases Fedayin e o exército egípcio na faixa de Gaza e Sinai.¹⁷⁸ De forma muito direta, e uma vez que foi uma Campanha quase que relâmpago, pode-se dizer que o ataque coordenado às posições egípcias aconteceu em 29/10/1956, e elas caíram muito rapidamente.¹⁷⁹

Israel fintou que o ataque seria à Jordânia, não ao Egito - inclusive anunciando à sua própria população uma mobilização geral das reservas, pois supostas forças iraquianas estavam se movimentando na Jordânia. Seguindo à risca o planejado, Israel se valeu completamente do elemento surpresa, uma vez que o Egito não esperava tamanho ataque e tão rápido na península do Sinai - muito menos um ataque anglo-francês ao canal, logo depois. Morris relata que os egípcios, que estavam entrincheirados e sofreram os ataques israelenses no Sinai, o fizeram de forma completamente passiva, sem esboçar nenhuma iniciativa. Os batalhões lutaram sozinhos, sem coesão geral e com pouco apoio de artilharia, o que seria vital. Eles apenas ofereciam resistência nas suas fortificações até que as FDI os flanqueavam e venciam. O comando em Cairo até enviou três brigadas para reforçar as defesas, a força aérea israelense auxiliada pela francesa dominava os céus, e infligiu muitas baixas às colunas que avançavam. Os caças aliados haviam tirado quase toda a força aérea egípcia de combate

¹⁷³ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 436.

¹⁷⁴ MORRIS, 2001, p. 284-185, 288.

¹⁷⁵ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 437.

¹⁷⁶ SHLAIM, 2004, p. 213.

¹⁷⁷ DOLAN, 1993, p. 140-142.

¹⁷⁸ MORRIS, 2001, p. 289.

¹⁷⁹ DOLAN, 1993, p. 141.

muito rapidamente. Logo a ordem às forças egípcias foi de retirarem-se de volta, através do canal. Justamente esse auxílio franco-britânico é que foi visto como decisivo por Morris. A resposta egípcia aos ataques foi confusa e inefetiva.

A defesa da faixa de Gaza foi deixada ao encargo de uma divisão palestina, também sob comando egípcio, e da mesma forma desorientada e desmoralizada. Suas ordens foram de atrasar ao máximo o avanço israelense; mas, em face do ataque, a maioria dos soldados fugiu. A força aérea israelense teve supremacia em toda a campanha, exercendo importantíssimo papel de apoio à tropa em terra - enquanto as missões do mesmo teor pelo egípcio foram em grande parte inefetivas.

É intrigante como se deu a batalha mais sangrenta da guerra se deu no Estreito de Mitla. Havia sido ordenada que fosse feita uma pequena patrulha de reconhecimento israelense às defesas egípcias ali. Em vez disso, o comandante paraquedista Ariel Sharon (que mais tarde se tornaria primeiro-ministro) atacou com um batalhão inteiro (cerca de 600 homens). Os egípcios estavam entrincheirados e posicionados nos dois lados do desfiladeiro, contando com apoio de morteiros de 120mm, armas antitanque e lança-rojão e ataques de caças. O resultado? “Os paraquedistas israelenses tomaram as posições egípcias uma por uma”. 38 mortos e 120 feridos israelenses, 200 mortos egípcios.¹⁸⁰ Resultado, sem dúvida, nada lógico.

3.2.4 Resultados

O fim do conflito deu-se devido às tensões da Guerra Fria e ameaças da URSS para que se atendesse à resolução de cessar fogo da ONU. As forças israelenses retiraram-se e devolveram os territórios conquistados, em 1957.¹⁸¹ Após o fim da campanha, os blocos Americano e Soviético pressionaram Israel para que retirasse suas tropas do Sinai e da Faixa de Gaza.¹⁸² Mais que apenas pressionar, o governo soviético ameaçou os israelenses: Nikolai Bulganin, premier soviético, em correspondências à França, Grã-Bretanha e Israel prometeu ataques com foguetes contra esse último, e reforços para o exército egípcio por conta da Campanha do Sinai.¹⁸³ Interessante notar a contradição da atitude soviética. Em primeiro lugar, o Egito podia bloquear as saídas de Israel para o mar, e ameaçar destruí-los, mas Israel não pôde abrir caminho para fora do bloqueio sem receber ameaças soviéticas. Em segundo lugar, o bloco soviético ameaçou Israel por causa de sua invasão ao Egito, ao mesmo tempo que as tropas soviéticas invadiram a Hungria,¹⁸⁴ em 4 de novembro de 1956, por ocasião da Revolução naquele país.¹⁸⁵

Como balanço total, do lado de Israel foram cerca de 190 mortos, 20 capturados e 800 feridos. Do lado egípcio, houve muitos milhares de mortos e muita perda de equipamento,

¹⁸⁰ “[...] *the Israeli paratroop took one Egyptian position after another.*”. In. MORRIS, 2001, p. 290-296.

¹⁸¹ DOLAN, 1993, p. 140-142.

¹⁸² SHLAIM, 2004, p. 232.

¹⁸³ SHLAIM, 2004, p. 232; CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

¹⁸⁴ AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. *The Sinai-Suez Campaign: Background & Overview.* In. *Jewish Virtual Library.* Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁸⁵ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Hungarian Revolution.* [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Hungarian-Revolution-1956>. Acesso em: 19 mar. 2021.

além de cerca de 4 mil capturados por Israel. Essa campanha significou a redução drástica das tensões fronteiriças entre Israel e Egito e Israel e Jordânia.¹⁸⁶

De forma estritamente militar, a Campanha teve três objetivos, os quais foram plenamente atingidos. Primeiro: o exército egípcio foi completamente derrotado - só não destruído porque recuou em tempo. Segundo: a navegação israelense não foi mais barrada no mar Vermelho. Por fim, as bases de Fedayin em Gaza foram destruídas e seus ataques a partir dali cessaram. No entanto, no campo governamental, Nasser saiu como derrotado militarmente, mas grande vitorioso político, mostrando que Israel era expansionista e “uma cabeça de ponte do imperialismo ocidental no mundo árabe”.¹⁸⁷ Camargo reitera que os resultados militares foram atingidos, os resultados políticos falidos e o sionismo associado ao imperialismo anglo-francês.¹⁸⁸

Israel até tentou negociar a paz, mas Nasser negou.¹⁸⁹ Camargo ainda acrescenta que, grandemente prestigiado, Nasser avultou como líder panárabe apto a enfrentar Israel.¹⁹⁰ Morris corrobora que, sem parar após a Campanha, já em 1956, Nasser constantemente citava a necessidade de destruir Israel, assim como os demais líderes árabes, que falavam da necessidade de um terceiro round da guerra. Para Morris, “se a destruição de Israel não foi uma política árabe antes, depois de 1956 ela muito certamente foi”.¹⁹¹

Os objetivos foram alcançados. Israel tinha, pelo menos, feito ouvir sua necessidade quanto ao bloqueio marítimo e comercial e mostrado que era capaz militarmente. Porém, o conflito, no escopo geral, estava longe de terminar. Os ataques a Fedayin cessaram, mas alguns anos depois surgiram outras ações semelhantes – inclusive pelo grupo que viria a formar a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), ativa até hoje.¹⁹² Por ora, no entanto, é suficiente o relato até aqui.

Como já se afirmou acima, “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.¹⁹³ Mesmo que tenha sido um conflito que durou apenas cerca de 100 horas, ele foi muito importante para a consolidação de Israel como Estado independente e autônomo.¹⁹⁴

¹⁸⁶ MORRIS, 2001, p. 296, 301.

¹⁸⁷ SHLAIM, 2004, p. 234-235.

¹⁸⁸ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 438.

¹⁸⁹ BARD, 2017, p. 47. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁹⁰ CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 438.

¹⁹¹ “*If the destruction of Israel was not an Arab policy before, after 1956 it most certainly was.*”. *In.* MORRIS, 2001, p. 298, 301.

¹⁹² AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁹³ SHAVIT, 2016, p. 187.

¹⁹⁴ LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo foi possível observar que os judeus sempre sofreram perseguição de alguma forma. Em todos os períodos históricos, o povo judeu foi excluído, discriminado ou atacado de alguma maneira.

Os ataques físicos estiveram presentes em vários momentos, mas se intensificaram sobremaneira a partir do século XIX com os *pogroms* e depois com o Holocausto e o consequente assassinato de milhões de judeus. Isso tornou necessário um território de asilo ao povo judeu que estava espalhado pela Europa. Para tanto, eles voltaram à Palestina, seu terreno histórico de habitação, onde constituíram o Novo Estado de Israel, em 1948. Devido aos atritos com os palestinos nativos e ao ódio dispensado contra os judeus (agora chamados também israelenses) pelos árabes, foram deflagrados diversos conflitos armados. Neste artigo, foram analisados os dois primeiros conflitos. Em ambos foi possível observar uma capacidade de superar dificuldades muito maior por parte dos judeus, fosse em conseguir armamentos, em desenvolver estratégias e táticas ou em reestruturar seu território após os embates.

Esses acontecimentos deixam no ar algumas perguntas: sendo uma nação recém-formada, meio esvaçada pelo recente Holocausto, em grande parte refugiada, como Israel conseguiu tais proezas? Isso não é humanamente lógico. Pode ser, então, que o desenrolar do plano de Deus esteja ocorrendo hoje, a olhos vistos? Seriam os eventos atal cumprimentos de profecias bíblicas e mostras do cuidado de Deus com Israel? Esses são questionamentos a serem abordados em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BARD, Mitchell. *Myths and Facts: a guide to the Arab-israeli conflict*. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017. 400 p. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BBC News. [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CALDAS AULETE DIGITAL. Rio de Janeiro: Lexicon, [20-?]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. *Martureo*, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DOLAN, David. *Guerra Santa para a Terra Prometida*. Traduzido por João M. Bentes. São Paulo: Candeia, 1993.

DOUGLAS, J. D. (org.) **O Novo Dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995.

Encyclopaedia Britannica. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FERREIRA, Franklin. A tentação do antissemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FERREIRA, Júlio Andrade de. **Judeu: enigma da história**. Campinas: Luz para o Caminho, 1987.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo**. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GUTTERMAN, Bella; SHALEV, Avner (edt.). **Para que los sepan las generaciones venideras: la recordación del Holocausto en Yad Vashem**. Jerusalém: Yad Vashem, 2008.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf: a minha luta**. Lisboa: Guerra e Paz, 2016.

INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. **Bíblia Sagrada português-inglês**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

Israel Ministry of Foreign Affairs. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JOHNSON, Rob; WHITBY, Michael; FRANCE, John. **Para ganhar a guerra: as 25 melhores táticas de todos os tempos**. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio: uma interpretação teológica**. Santo André: Academia Cristã, 2012.

LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? **Teologia brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015.

MCDERMOTT, Gerald R. **A importância de Israel: porque o cristão deve pensar de maneira diferente em relação ao povo e à terra**. Traduzido por A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos: uma história material da Alemanha Nazi**. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018.

MORRIS, Benny. **Righteous victims: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001**. Nova York: Vintage, 2001.

SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SHAVIT, Ari. **Minha terra prometida: o triunfo e a tragédia de Israel**. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

The Holocaust Memorial Museum. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org>. Acesso em: 25 mar. 2021.

WESTMINSTER ABBEY. **Anthony Ashley-Cooper, 7th Earl of Shaftesbury**. Londres: [s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/pt/abbey-commemorations/commemorations/anthony-ashley-cooper-7th-earl-of-shaftesbury>. Acesso em: 18 jun. 2021.

World History Encyclopedia. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://www.ancient.eu>. Acesso em: 12 mar. 2021.